

PROFESSOR DOUTOR JOÃO MARIA PORTO

"O HOMEM E A OBRA"

CÂMARA MUNICIPAL DE NISA
Presente em reunião de
de 06-06-89 de 19

Depoente:

*A Pádua Tomaz
Pousoamento
F*



Olga Maria da Cruz Ventura Vences Cordeiro
Aluna do 4º ano da Faculdade de Medicina

COIMBRA / 1989

ÍNDICE

BREVE EXPLICAÇÃO	pág.	1
ALGUNS APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS	"	1
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA	"	6
O DIRECTOR DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE	"	12
O HOMEM RELIGIOSO	"	18
AS HOMENAGENS	"	20
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	"	21

PROFESSOR DOUTOR JOÃO MARIA PORTO

"O HOMEM E A OBRA"

BREVE EXPLICAÇÃO

A preferência pelo Professor Doutor João Maria Porto como tema deste trabalho, entre tantas Figuras Ilustres, de projecção nacional e internacional, que têm honrado as Ciências Médicas, prende-se com uma série de circunstâncias, vividas nos últimos anos. Senti-me contagiada por muitas pessoas, dos mais diversos estratos sociais, que ainda hoje o recordam com um misto de carinho e saudade, na sua Terra Natal, que é também a minha. Uma espécie de curiosidade e admiração por este prestigiado Professor de Medicina, foi-se adensando no meu espírito, ao ponto de analisar toda a bibliografia disponível, tentando descortinar a simbiose possível entre o mito e a história. Daqui resultou o presente trabalho, que até poderá parecer um tanto longo, mas truncá-lo seria uma ingratidão à memória do Ilustre Professor.

ALGUNS APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS

No dia 9 de Setembro de 1891, numa casa modesta da freguesia do Espírito Santo, na vila de Nisa, nascia uma criança do sexo masculino, a quem deram o nome de João Maria Porto. Foram seus pais Joaquim Martins Porto e Maria da Graça Neves Porto.

O pai, barbeiro de profissão, debatia-se com imensas dificuldades para garantir o sustento de uma família já numerosa. Daí a necessidade de tentar melhor sorte noutras terras do Alto Alentejo.

Assim, em 2 de Março de 1900, a família transferiu-se para Alpalhão, onde se fixou até 1904. É em Julho deste ano que o jovem João Maria, já perto dos 13 anos, concluiu a instrução primária, iniciada em Nisa, tendo feito o exame da 4ª classe, em Portalegre, com distinção.

Mas a vida em Alpalhão não era menos difícil. Sempre na esperança de melhores dias, nesse ano de 1904, o agregado familiar mudou mais uma vez a residência, então para Fronteira, onde se fixou definitivamente.

O jovem João Maria, na impossibilidade de concretizar outras aspirações mais consentâneas com a sua capacidade intelectual, lá aprendeu o ofício do pai, porque era necessário colaborar no sustento

da família.

Porém, o seu espírito curioso e inteligente, incapaz de se limitar ao trabalho na barbearia, teimava em introduzir-se nas áreas do saber! Para tanto, recorreu a livros emprestados de estudantes de Fronteira e, com o apoio do Dr. Francisco Namorado no estudo do Português e Francês, apresentou-se a exame destas disciplinas no Liceu Nacional de Portalegre, onde obteve distinção.

Em 1 de Outubro de 1910, entrou para o Seminário de Évora. Este jovem estava destinado à carreira eclesiástica, geralmente o refúgio dos filhos dos pobres, que mais se evidenciavam no plano intelectual. Pela mão de famílias abastadas, iam trocando as agruras da pobreza pelo conforto de gerir uma Paróquia. Mas a Implantação da República veio pôr termo à vida de seminarista. Durou apenas 5 dias!

Regressou novamente à vila de Fronteira e à sua profissão de barbeiro. É o retorno à monotonia diária, ao ouve e diz-se da população, onde o fulgor da sua inteligência não se sentia minimamente inserido. Nas horas vagas, com um espírito de perseverante autodidacta que jamais abandonaria, entregou-se ao estudo das disciplinas do 1º ciclo liceal, que fez em 1911, com a mais alta classificação do Liceu de Portalegre. Segundo dizia, esta teria sido a maior alegria de toda a sua vida académica. Ao conhecer o resultado do exame, corria pelas ladeiras de Portalegre, com a sensação de ter conquistado o mundo. Tinha, então, quase 20 anos!

No ano seguinte, ainda em Fronteira, preparou-se para o exame do 2º ciclo, que realizou em Portalegre, obtendo novamente a mais alta classificação. Quis o destino pôr-lhe no caminho o bondoso Padre Saúl da Cruz, capelão militar. Este homem, sensível e humaníssimo, depressa se deixou impressionar pela vivíssima inteligência e enorme força de vontade do jovem João Porto.

Como os capelães militares, com a implantação da República, foram transferidos para serviços de secretaria, o Padre Saúl da Cruz convidou-o a vir para Coimbra e residir em sua casa. Estará aqui, certamente, uma das razões que marcou o ideário de cristão convicto e militante, tão relevante na vida do Professor João Porto. Uma inteligência tão acutilante não poderia ficar insensível a este acto generoso, que viria a influenciar todo o seu futuro.

No ano lectivo de 1912/13, frequentou o Liceu José Falcão, onde concluiu o ensino liceal, com o brilhantismo habitual.

Para vencer as enormes dificuldades materiais, socorreu-se dos seus conhecimentos para dar explicações, ao mesmo tempo que assegurava as suas obrigações escolares. Curiosamente, alguns dos seus

explicandos frequentavam com ele o 7º ano!

Também a Sociedade Filantrópica Académica, dentro das suas limitadas disponibilidades financeiras, lhe foi concedendo subsídios durante alguns tempos. Uma ocorrência, que marca bem a generosidade deste Homem singular, sempre humilde e avesso ao exibicionismo, veio a verificar-se anos mais tarde, já então Professor Universitário. Quando presidia às funções humanitárias desta Associação, restituiu todo o dinheiro que lhe foi oferecido, acrescido dos juros acumulados, certamente por sentir que outros desvalidos da fortuna, mas com vontade de vencer, precisavam, nessa altura, do seu apoio. Esta alma grande e generosa assumiu uma atitude inédita na vida da Instituição, que bem poderia servir de exemplo para minorar as dificuldades de tantos carenciados!

Mesmo sentindo-se obrigado a garantir o sustento com os proventos das explicações, jamais desanimou na sua corrida imparável para o êxito.

Assim, em 1913, matriculou-se na Faculdade de Medicina, onde foi sempre um dos alunos mais classificados.

Acerca da simpatia e profunda amizade geradas entre o Professor Basílio Freire e o discípulo João Porto, que haviam de perdurar por toda a vida, como prova alguma correspondência trocada, escreveu o Professor Maximino Correia:

"Que eu saiba, o único aluno a quem o insigne Mestre de Anatomia, que foi o Doutor Basílio Freire, classificou com a nota máxima de 20 valores, foi o estudante João Maria Porto. Este sempre se distinguiu pela aplicação ao trabalho e nos interrogatórios que aquele grande professor formulava aos estudantes seus discípulos, a propósito de peças de dissecação, o João Porto excedia, não só pela preocupação cuidada, pela informação livresca completa, mas até pela exposição lúcida e metódica, numa linguagem precisa, precocemente amadurecida, invulgar em qualquer moço da sua idade."

Ainda ao referir que o Mestre, possuidor de uma vasta cultura, não hesitava em motivá-los para a interligação entre um simples facto de observação morfológica e as suas repercussões nas áreas da fisiologia, da psicologia e até da sociologia humanas, escrevia o Professor Maximino Correia:

"João Porto compreendia e apreciava estas digressões do Mestre e permitia-se mesmo fazer o seu comentário, dando mostras de que, embora novo, tinha também as suas curiosidades intelectuais e leituras que transcendiam as simples obrigações escolares."

Destas considerações do Professor Maximino Correia, mais se consubstancia a certeza da grande capacidade intelectual de João Porto, conjugada com aquela força de vontade, que só a experiência do sacrifício vivido acalenta todos os dias. Ao explicador e ao estudante invulgar, ainda ficava tempo para animar as suas curiosidades intelectuais e aprofundar as leituras que transcendiam as obrigações escolares!...

Seis anos mais tarde, em 1919, concluía o Curso de Medicina, com a brilhante classificação de 19 valores! Também no ano seguinte, no acto de Doutoramento, com a dissertação subordinada a um trabalho que intitulou de "EXPLORAÇÃO DAS FUNÇÕES RENAIAS", lhe foi conferida a classificação de 19 valores.

Logo a 18 de Setembro de 1920, após provas de concurso, foi nomeado 2º Assistente de Patologia e Terapêutica Cirúrgica, função que desempenhou até 1922.

Porém, desde muito cedo, começou a sentir uma preferência pelos assuntos da Medicina Interna, especialmente pela Cardiologia, daí a vontade de melhorar a sua formação científica nesta área. No sentido de dar corpo a essa aspiração, no ano lectivo de 1922/23, partiu para Berlim, onde estagiou nos Serviços de Clínica Médica do Professor KRAUS, na altura uma das figuras mais prestigiadas da Medicina Interna alemã e de projecção mundial. Foi aqui que se iniciou na electrocardiografia, técnica semiológica de aplicação relativamente recente e restrita, na época, mas que tão útil e frutuosa se viria a revelar mais tarde.

Graças aos conhecimentos adquiridos na Alemanha, conjugados com a observação e estudo de doentes, elaborou a dissertação de concurso para 1º Assistente do grupo de Medicina Interna, com o título "FIBRILAÇÃO AURICULAR", no qual foi aprovado por unanimidade, em 28 de Dezembro de 1923. Logo em 16 de Janeiro de 1924 é nomeado 1º Assistente provisório e, em 24 de Abril do mesmo ano, é empossado no lugar a título definitivo.

Por vaga da Cátedra de Pediatria, então integrada no grupo de Medicina Interna, foi aberto concurso para o seu provimento. O Doutor João Porto concorreu. Por deliberação unânime do Júri, em 16 de Junho de 1928, é dispensado de prestar provas públicas e, no dia 30 desse mesmo mês, é nomeado Professor Catedrático de Pediatria!

Todavia, na sua essência de Médico e de Mestre, o Professor João Porto não se considerava um pediatra. O seu grande desejo era reger uma Cadeira específica da Medicina Interna, não só como forma

de realização pessoal, mas ainda por sentir que poderia ser mais útil aos seus discípulos. Por isso, quando o Professor Lúcio Rocha atingiu o limite de idade, pediu a transferência para a Cadeira de Terapêutica Clínica, que lhe foi concedida por portaria de 28 de Novembro de 1935. Ainda por transferência, a partir de 1948, passou a ocupar a Cátedra de Clínica Médica, cargo que desempenhou até à sua jubilação.

Mas, o Professor Doutor João Maria Porto não foi só o Mestre conhecedor, atraente, de comunicação fácil, objectiva e cientificamente alicerçada, sempre disponível ao diálogo e atento à participação dos alunos, sempre pronto a corrigir sem sobrançeria e a estimular com o elogio oportuno. Isso já seria muito!... Porém, mesmo os Colegas não poderiam ficar indiferentes ao contágio deste Professor simples e afável, possuidor de uma tal força empreendedora, que todos o reconheciam capaz de dignificar a Classe Médica e granjear-lhe o respeito merecido. Certamente por tudo isto, o Conselho Escolar indicou-o para Director da Faculdade de Medicina, cargo que honrou entre 1932 e 1940. Dois anos mais tarde, ainda por indicação do Conselho Escolar, é empossado no cargo de Director dos Hospitais da Universidade de Coimbra, funções que desempenhou até 1961, ano da sua jubilação.

Enquanto Director dos Hospitais da Universidade, graças à sua inteligência esclarecida, ao seu extraordinário dinamismo, e àquela inquebrantável perseverança que caracteriza os Homens de eleição e destinados a vencer, que jamais desanimam, mesmo lutando contra as maiores adversidades, são inúmeros os empreendimentos que levou à concretização, sem nunca descurar as suas obrigações docentes.

Entre muitas das suas iniciativas, antes e durante as funções de Director dos Hospitais da Universidade, ficaram-se devendo ao Professor Doutor João Maria Porto o reaparecimento da "COIMBRA MÉDICA", a organização das "QUINZENAS MÉDICAS HOSPITALARES", dos "CURSOS DE FÉRIAS", a criação do "CENTRO DE CARDIOLOGIA MÉDICO-SOCIAL DE COIMBRA", do "INSTITUTO DE CARDIOLOGIA", da "SOCIEDADE PORTUGUESA DE CARDIOLOGIA", sem falar de inúmeros congressos e conferências nacionais e internacionais, onde as suas intervenções despertavam sempre o mais vivo interesse.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA

Vou procurar debruçar-me um pouco sobre a Obra do Professor João Porto, não no intuito de escarpelizá-la até ao pormenor, para o que me faltariam conhecimentos e até excederia o âmbito deste trabalho, mas essencialmente para evidenciar o seu carácter solidário, contagiante e catalisador de vontades.

A "COIMBRA MÉDICA" iniciara a sua publicação em 1881, por iniciativa do Professor Augusto Rocha. Com a morte deste prestigiado Professor, em 1900, morre também a publicação da revista. Consciente do enorme interesse que uma publicação desta natureza poderia representar para a formação e actualização de conhecimentos da Classe Médica, o Professor João Porto ressuscita a "COIMBRA MÉDICA", em 1934. Para mantê-la viva e actuante, além do elevado dispêncio de energias que lhe era exigido, lutava com enormes dificuldades económicas para fazê-la sair regularmente. Ontem como hoje, para não fugir à regra, parece que as publicações de natureza científico-pedagógica têm a vida curta, quase sempre sobrevivendo à custa de subsídios acidentais e, quantas vezes, das economias dos próprios colaboradores!... Mesmo assim, o Professor João Porto conseguiu manter a publicação ao longo de 15 anos! Ali publicou a maioria dos seus valiosos trabalhos, que meio século depois ainda merecem aturada reflexão, e poderão servir de base para um estudo aprofundado da evolução científica.

Se todas as profissões exigem uma actualização permanente, sob pena de se cair numa monotonia rotineira e ficar ultrapassado no tempo, essa necessidade de actualização constante é superiormente acrescida em Medicina, dada a evolução contínua das Ciências Médicas, sempre na procura incessante de novos processos e técnicas de diagnóstico e terapêutica.

O Professor João Maria Porto, com o seu espírito arguto e permanentemente inquieto, muito cedo sentiu essa necessidade. Excluindo de si uma apropriação fechada dos conhecimentos, entendeu que seria muito mais útil à Medicina, se os generalizasse a todos os médicos interessados, dando-lhes possibilidades de se autovalorizarem e aprofundarem a sua formação. Foi com esse objectivo que nasceram os "CURSOS DE FÉRIAS", que anualmente funcionaram nos Hospitais da Universidade. O primeiro decorreu entre 30 de Maio e 4 de Junho de 1928.

Valerá a pena transcrever breves passagens do discurso proferido na sessão inaugural pelo então Director da Faculdade:

"Iniciou-se nesta Faculdade uma experiência: um curso de férias que esta promove e se destina a actualizar em lições, alguns dos conhecimentos mais candentes da medicina contemporânea, oferecido a diplomados por esta ou por outra Faculdade do país e aos estudantes dos últimos anos de medicina."

"Quem a tenha cursado há mais de uma dúzia de anos poderá notar, depois de ouvir os conferentes e de visitar, nos intervalos, os laboratórios e clínicas hospitalares, depois de respirar a atmosfera de trabalho que impregna e fecunda os serviços, que é diferente de então o panorama de hoje..."

"Todos membros da mesma família universitária, todos que nela conquistaram um diploma, à Universidade, Alma Mater, creio se sentem ou devem sentir presos por afeição duradoura, mas posso dizer a todos os que me escutam, que do mesmo modo que alguém sente orgulho em dar a seus filhos da saúde que goza e dos recursos que amealhou, uma Faculdade sente prazer em facultar os recursos materiais dos seus serviços e desdobrar o tesouro do seu saber por todos que por ela passaram ou estão colhendo os elementos da sua profissão. A Universidade é o centro onde a ciência toma a mais alta consciência de si própria. Tem o ar de uma fortaleza. E, sendo a fonte principal donde deve partir o saber que se ensina pela palavra, é neste louvável intuito que a Faculdade de Medicina convoca os clínicos do país, os seus antigos e modernos discípulos, a uma vida comum por alguns dias."

As "QUINZENAS MÉDICAS HOSPITALARES", da iniciativa do Professor João Porto, depressa se impuseram como reuniões clínicas de incontestável utilidade para médicos e estudantes de medicina. As comunicações e conferências do seu Fundador, muitas delas inspiradas nas experiências vividas no Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra, prendiam a atenção dos participantes, provocavam o diálogo, catalisavam o debate de ideias e a exposição de observações vividas no contacto com os doentes, fermentavam o desejo de aperfeiçoamento e valorização profissional.

Toda a Obra que se impõe pela sua eficácia, rapidamente se divulga e dinamiza mais adeptos. Assim, não admira que o número de participantes fosse aumentando sucessivamente, surgissem Mestres de outras Faculdades trazendo as suas mensagens, para ali convergissem muitos clínicos espalhados pelo país, sempre na preocupação de regressarem mais enriquecidos e actualizados nos seus conhecimentos, a única forma de serem mais úteis na prevenção e tratamento da doença, de tornarem mais felizes as populações que neles confiavam o alí-

vio no sofrimento.

Na sua ânsia de se manter permanentemente actualizado, sentia a insuficiência do estudo atento e aturado dos tratados e revistas médicas. Era imprescindível contactar pessoalmente com outras experiências científicas, onde a Medicina já tinha conquistado avanços consideráveis. Desloca-se, então, a numerosos centros científicos e clínicas hospitalares, tanto na Europa como na América. A sua inteligência prodigiosa, o seu profundo sentido crítico, a sua observação atenta e metódica, permitiam-lhe acumular um vasto manancial de conhecimentos, que em Portugal transmitia a colegas e discípulos, sempre consciente de estar a contribuir para o enriquecimento científico da Classe, à qual nunca negou provas da mais consistente solidariedade.

Em 1934, após uma série de estudos realizados nos Hospitais e Faculdades de Quebeque, Montreal, Toronto, Filadélfia, Rochester, Chicago, Washington e Nova Iorque, realizou uma célebre conferência no Salão Nobre dos Hospitais da Universidade de Coimbra, que intitulou de "ALGUNS ASPECTOS DO ENSINO E CULTIVO DA MEDICINA NO CANADÁ E NOS ESTADOS UNIDOS". O contágio da sua palavra fluente, clara, acessível e objectiva, conjugada com um fino sentido crítico cientificamente estruturado, moveu vontades e estimulou a inovação. O êxito da conferência depressa se difundiu nos outros centros académicos do país. Só assim se explica que, passado pouco tempo, tivesse proferido a mesma conferência no Hospital de Santo António, a convite da Faculdade de Medicina do Porto.

Mas o primordial objectivo de realização pessoal e científica, ao qual o Professor João Porto dedicou os melhores anos da sua vida, esteve sempre ligado à Cardiologia. Já em 1937, por sua proposta, apoiada pelos Conselhos Técnico dos Hospitais da Universidade e da Faculdade de Medicina, foi criado o "LABORATÓRIO DE CARDIOLOGIA". Em 1941, também por sua iniciativa, foi criado o "INSTITUTO DE CARDIOLOGIA", que anexou o Laboratório, surgido quatro anos antes. Este Instituto, obra de enorme alcance para a assistência, ensino e investigação das doenças cardiovasculares, procurava promover, segundo as directrizes do seu Fundador:

- Assistência médica aos cardíacos pela consulta externa e serviço interno especializado;
- Investigação clínica e experimental;
- Conferências de divulgação e de educação profissional e po-

pular;

- Cursos de aperfeiçoamento e actualização nos vários capítulos da fisiologia, patologia e clínica do coração.

O primeiro destes cursos integrados no contexto programático inicialmente delineado só veio a realizar-se em 1948. O êxito foi espectacular, não só pela participação maciça dos mais prestigiados professores e assistentes das Faculdades de Lisboa, Porto e Coimbra, fruto do interesse que as doenças cardíacas estavam a despertar, mas ainda pelo incremento que veio dar à Cardiologia Social.

- Profilaxia e assistência aos cardíacos e suas famílias.

A formação científico-humanística do Professor João Porto, a observação, estudo e vivência dos problemas dos doentes cardíacos, bem cedo o tornaram um acérrimo defensor da Cardiologia Social, batendo-se denodadamente pela instituição destes Serviços no nosso país. Conhecia os esforços do Doutor Miguel Iriarte, cardiologista de Bilbao, que durante anos lutou pela criação da Fundação da Biscaia Pró-Cardíacos. Daí o seu contacto directo, em Bilbao, com este eminente cardiologista espanhol, a fim de colher os elementos necessários para fundar uma obra similar, que viria a ser a primeira instituição do género em Portugal.

Ainda em 1941, o Instituto de Cardiologia passa a integrar o Serviço Social, nascendo, assim, o "CENTRO DE CARDIOLOGIA MÉDICO-SOCIAL DE COIMBRA", cujos Estatutos foram aprovados, superiormente, em 20 de Abril.

Escreveu o Professor João Porto que o Centro de Cardiologia Médico-Social tinha "a ambição de realizar no centro do país um programa de medicina social que se pode resumir da seguinte forma:

- Auxiliar economicamente o cardíaco para que ele consiga fazer o tratamento devido;
- Atender, quando tal convenha, o doente no domicílio, de modo que ele possa seguir fielmente a terapêutica prescrita;
- Melhorar as condições higiénicas da sua habitação ou as condições materiais do seu trabalho;
- Promover a orientação vocacional dos cardíacos jovens, aconselhando-lhes o tipo de profissão mais compatível com as suas possibilidades físicas;
- Reeducar profissionalmente os cardíacos adultos, orientando-os para mester mais suave, por forma a poderem tratar-se a si próprios, sem prejuízo para a saúde;

- Amparar, finalmente, aqueles que tenham atingido os extremos da invrlidez."

Mas o Professor João Porto queria mais!... São assim os homens de génio. Vivem em permanente insatisfação. Cada empreendimento realizado já pertence ao passado. Em sua substituição, é necessário programar outro, estudá-lo, amadurecê-lo, difundi-lo junto de amigos e colaboradores, criar adeptos entusiastas capazes de ajudar a concretizá-lo.

Ele vivia a assistência social aos cardíacos e sentia a sua enorme importância, para pacificamente aceitar que ela se limitasse à região de Coimbra. O seu espírito comunitário transcendia uma simples demarcação geográfica, mas para isso era necessário congregar vontades e transpor os inevitáveis obstáculos. Começou por levar a mensagem aos cardiologistas nacionais, procurava imprimir-lhes o seu entusiasmo, o magnetismo da sua força criadora, despertá-los para o alcance humanitário de uma Obra desta grandeza, capaz de amenizar o sofrimento físico e moral de tantos doentes cardíacos espalhados pelo país.

Quando sentiu que estavam criadas as condições para a semente frutificar, passa do sonho à acção. Assim, sob a égide deste Homem empreendedor, perseverante, sempre confiante na arte de comunicar e convencer, nasceu o "INSTITUTO DE CARDIOLOGIA SOCIAL", cujo projecto de Estatutos foi aprovado em 5 de Maio de 1957, vindo a sua função assistencial a iniciar-se dois anos mais tarde. Tinha a finalidade de promover a luta contra as doenças cardiovasculares em todos os aspectos médicos e sociais, através de acções adequadas de prevenção, tratamento e reabilitação, segundo um programa de âmbito nacional.

Embora o Instituto de Cardiologia Social ficasse sediado em Lisboa, o Professor João Porto foi o seu 1º Presidente eleito. Segundo ele próprio referiu, o fulcro de uma assistência eficiente aos cardíacos resumia-se nestas palavras:

"Numa organização de assistência social perfeita aos cardíacos, estes são procurados e diagnosticados quando os sintomas ainda não atingiram a acuidade que os obrigue ao repouso forçado. Tal como actualmente a assistência figura entre nós, porém, é o doente que deliberadamente procura o hospital ou o clínico porque já não tem forças para esperar mais."

Porém, a sua acção na Cardiologia nacional não se limitou à parte social. A clínica e a investigação científica estiveram sempre

presentes na sua azáfama de Médico, Professor e Cientista, tendo publicado uma obra vastíssima sobre o assunto.

É ainda ao seu esforço que se deve a criação da "SOCIEDADE PORTUGUESA DE CARDIOLOGIA", da qual foi o 1º Presidente eleito, mandato várias vezes renovado. Mais tarde, em homenagem aos altos serviços prestados, a Assembleia Geral conferiu-lhe o título de Presidente Honorário.

Soube fomentar uma relação de amizade mútua com a Sociedade Espanhola de Cardiologia. Em breve dava corpo à realização de Congressos Luso-Espanhóis de Cardiologia, como forma de gerar um intercâmbio científico, naturalmente enriquecedor para os participantes de ambos os países. No primeiro destes Congressos, realizado em Sevilha, em 1953, o Professor João Porto e colaboradores apresentaram um notável relatório sobre "PULMÃO CARDÍACO"

Fazendo jus ao seu condão especial de criar amigos, depressa cultivou uma recíproca admiração e amizade profunda com o Professor Jimenez Diaz, Presidente da Sociedade Espanhola de Cardiologia e internista de projecção internacional. Em 1967, quando soube do falecimento do amigo e eminente cientista, ficou profundamente chocado. Em Maio desse ano, a Sociedade Portuguesa de Cardiologia reuniu em Coimbra. O Professor João Porto, mesmo abalado pela gravíssima doença que, passados dois meses, o vitimaria, quis estar presente e usar da palavra em homenagem à memória daquele sábio colega e amigo. Foi o último acto público em que participou!

O DIRECTOR DOS HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE

Durante os 19 anos em que o Professor Doutor João Porto se manteve à frente da Direcção dos Hospitais da Universidade de Coimbra, muitos acontecimentos relevantes marcaram a vida desta antiquíssima instituição hospitalar. Para além das múltiplas iniciativas de carácter científico, aperfeiçoamento e actualização de conhecimentos, remodelação e criação de novos serviços, introdução de equipamento mais moderno e adequado aos progressivos avanços da Medicina, o prestigiado Mestre soube rodear-se de devotados colaboradores, desde directores e chefes de serviços, professores e assistentes, enfermeiros e pessoal auxiliar, até ao mais humilde servente, porque a todos tratava com igual dedicação e carinho.

Nunca foi o Director imposto pela sua condição hierárquica. Foi, sim, o Director livremente aceite e respeitado pelo seu saber, pelo exemplo de homem responsável e cumpridor, pela irradiante simpatia, pela conversa amena e afável no momento oportuno, sem olhar à condição social ou craveira hierárquica do interlocutor.

Por tudo isso, não admira que, em 2 de Fevereiro de 1953, lhe fosse prestada a merecida homenagem pelos seus 10 anos de Direcção. Nesse dia, para lá das muitas palavras de carinho e louvor, sentiu a alegria profunda de ver instituída a Casa do Pessoal dos Hospitais da Universidade. Na sua opinião, ela significava uma melhoria importantíssima para a vida hospitalar. Como ele disse, então, "... o hospital é um corpo vivo, onde todas as funções se desenvolvem harmoniosamente e no qual a perturbação de qualquer dos seus órgãos provoca necessariamente perturbações em todo o organismo. A Casa do Pessoal, além das vantagens de ordem económica que se propõe facultar aos seus associados, traz em si uma finalidade mais alta, que é de estreitar os laços de solidariedade e de comunhão espiritual de todos aqueles que trabalham nos Hospitais da Universidade."

Nestas palavras, mais uma vez se vislumbra a harmonia entre o cientista e o humanista, sempre estimulando a solidariedade humana, a grande via onde os esforços se unificam para tornar menos árdua a tarefa do bem comum.

O Doutor Coriliano Ferreira, então Administrador dos Hospitais da Universidade, depois de referir os melhoramentos inaugurados pelo representante do Governo, debruça-se sobre a caminhada do Professor João Porto à frente da Direcção.

Poderão parecer palavras de circunstância, às vezes inevitáveis nas horas festivas, mas os homens sérios recusam afirmar o que não pensam, nem as homenagens se concretizam no seio da hostilização, nem é possível ocultar os factos quando estes se traduzem em obras visíveis e do domínio público.

Assim, para melhor caracterizar o Homem e a Obra, é fundamental transcrever alguns excertos da intervenção do Doutor Coriolano Ferreira.

"O ano de 1942 situa-se no meio da segunda guerra mundial. É a hora em que as dificuldades de toda a ordem começam a cair sobre os países..."

"Esgotadas as reservas, onde as havia, começa a carência do necessário, pois o supérfluo já se eliminara há muito. Nos hospitais a situação assume aspectos dramáticos. Há centenas de doentes para alimentar e para tratar. Os médicos exigem material para trabalhar, as oficinas pedem matéria prima, os enfermos clamam por assistência. Foi nesta hora escura que o Professor João Porto assumiu a direcção dos Hospitais da Universidade."

"Seguem-se anos intermináveis a tentar adquirir o mínimo de sobrevivência, pagando por preços astronómicos o que até então era acessível, esgotando as já desfalcadas reservas. Foram anos atribulados em que só a sua visão calma e firme conseguiu vencer a crise."

Falando da obra de reorganização interna, planeada e executada silenciosamente, acrescenta:

"Nos serviços clínicos, revê-se a lotação de quase todas as enfermarias, criam-se consultas externas em psiquiatria e moléstias infecciosas, amplia-se a consulta de estomatologia, estabelece-se o centro de transfusão de sangue, organizam-se os serviços de urgência, são instalados serviços de cirurgia experimental, montam-se os serviços de Raios X, agora com a nova secção de radioterapia, aumenta-se o quadro de médicos internos e revê-se o seu regime, instala-se em pavilhões novos a clínica psiquiátrica, equipa-se uma sala de operações sob vigilância de Raios X, distribuem-se centenas de contos de material por todas as enfermarias."

Ao referir-se à serenidade e equilíbrio do Professor João Porto, não obstante a confusão generalizada a nível nacional e internacional, dizia:

"Nem um só dia faltou no seu gabinete de trabalho a dar o despacho habitual, com a calma e clarividência de sempre. Nem uma só vez respondeu com injustiça à injustiça, com remoço à incompreensão. Não

tem pressa no construir, nem vaidade no que vai fazendo. Odeia a publicidade nestes tempos de rádio, televisão e imprensa infatigáveis. E sobretudo, olha toda a gente com compreensão e calor humanos. Não são funcionários e casos clínicos os seus subordinados e os seus doentes. São pessoas, com o seu valor humano e sobre-humano."

A terminar, acentua a humanização da instituição hospitalar, sob a égide de um Homem bom, dedicado e generoso, no mais belo sentido destes conceitos sócio-filosóficos:

"O hospital é uma entidade, real, histórica, com corpo, com sangue, com músculos, com cérebro, com espírito. Constituem-na os doentes, os serventuários e os dirigentes. É um corpo vivo, organicamente diferenciado, mas um CORPO. Ora, compete às funções intellectuais de cada corpo emitir ou formular juízos de valor acerca da sua própria história e do seu próprio destino. É assim também o nosso Hospital.

Nós, e só nós, carregamos com todo o passado desta comunidade e possuímos conscientemente o espírito que há-de conceber e dar forma ao seu futuro.

Esta homenagem ao Director dos Hospitais, é pois, acima de tudo, uma afirmação solene de unidade institucional e de união pessoal.

Unidade institucional, enquanto afirmamos a nossa adesão à sua orientação superior, à política que traduziu, em actos de governo, a nossa concepção de assistência integral.

União pessoal, enquanto nos juntamos à volta do director que estimamos, que achamos justo, firme, inteligente e bom.

É pois, uma homenagem de pessoas livres, a única que o Professor João Porto seria capaz de aceitar."

Da intervenção do Professor João Porto, neste acto solene, valerá a pena reter algumas palavras, porque elas definem bem o Homem bom e justo, humilde, sempre insatisfeito com a sua Obra, julgando que outros teriam feito mais e melhor, devolvendo as homenagens aos seus colaboradores e aos Mestres que o precederam à frente da Direcção dos Hospitais da Universidade.

Referindo-se à acção disciplinar, implícita nas funções de director, a quem cabe ouvir queixas ou reclamações e decidir criteriosamente sobre elas, mais uma vez o humanista se sobrepõe ao tecnocrata, guiando-se pelo célebre princípio judiciário, quantas vezes ignorado pelos detentores do poder, "O réu está sempre inocente até se provar a sua culpa".

Eis as suas palavras:

"Na verdade, entre os desejos dos que pretendem melhoria de situação ou as queixas dos que se julgam agravados ou lesados na sua dignidade, na sua função ou nos seus interesses materiais, coisa tão frequente num organismo do Estado onde se movimentam centenas de obreiros e outras muitas centenas de doentes, quando, dos elementos do processo, não se consegue colher toda a verdade e, para efeitos de julgamento, tiver de haver desvio para o arbítrio ou para a benevolência, não nos acusa a consciência de não termos sempre propendido para ajustar ou tentar ajustar a caridade à justiça, isto é, não termos recorrido à primeira para suprimento da segunda."

Falando das funções de assistência e ensino incumbidas ao Hospital, recorda as suas palavras proferidas 10 anos antes, onde é bem evidente o espírito social que impregnou toda a sua vida, o desejo de motivar a participação da comunidade, com vista à criação de hábitos de higiene e colaboração com a estrutura hospitalar.

Dizia assim:

"A assistência hospitalar é uma técnica que obedece em grande parte a moldes científicos e é produto dos progressos da medicina e de todas as ciências subsidiárias. Se é uma técnica feita pelo homem e para utilidade do homem, é submetida à lei do progresso. O hospital não é um organismo estático, imutável através do tempo, e tende cada vez menos a sê-lo, mas organismo vivo, que intimamente se articula com outros organismos sociais, por virtude do que a assistência tende a transcender a saúde dos doentes aí internados para, indo mais longe, por suas possibilidades e benefícios, fazer participar todo o centro populacional onde se encontra instalado, e até mesmo todo o país."

"... todo o hospital deverá ser já, em si mesmo, uma janela sempre aberta para a visão, e até solução, dos problemas de higiene e medicina social."

Depois de se interrogar sobre a concretização do plano então

delineado, confessa a sua humildade e a impossibilidade de erguer a Obra sonhada, sempre enaltecendo o empenhamento dos seus colaboradores. São palavras plenas de sentido, carregadas de uma tal introspecção filosófica, só possível num pensador de génio.

"Trazia apenas uma aspiração, pois se agir é fácil e pensar é difícil, difícil e bem mais difícil, porém, é poder agir de harmonia com o que se pensou."

"Decerto que em muitas coisas, e porventura necessárias, se não terá pensado e, entre aquelas sobre que se pensou, nem todas se conseguiram, apesar do espírito de colaboração e de boa vontade que, de modo geral, encontrei em todos que nesta casa têm trabalhado, desde o director de clínica até ao funcionário mais modesto da secretaria ou de outra repartição."

Ainda, e mais uma vez, se revela o homem humilde, comparando a sua capacidade empreendedora com os Mestres que o precederam no cargo, desejando tê-los igualado, por sentir que a frutificação do esforço teria sido muito melhor.

"Mas no domínio das coisas terrenas, humanas e por isso possíveis, confesso que desejaria ter sido o Director que foi algum dos que me precederam."

"Os acontecimentos ou os homens devem ser julgados à luz do tempo e do lugar em que aqueles se deram ou estes viveram. Com os progressos das técnicas médicas e aquisições terapêuticas; com as possibilidades materiais de hoje; com a compreensão e educação do público, como não teria sido maior o desenvolvimento deste estabelecimento de assistência e de ensino, dirigido que pudesse ter sido pela inteligência, espírito de método, de organizador e reformador que foi o de Costa Simões, o saber e a forte armadura de vontade que foram de Costa Alemão, o sentido prático, espírito de iniciativa e decisão que foram de Ângelo da Fonseca...". O trabalho e as obras de cada geração cavalgam os das gerações precedentes. Do edifício, sem os caboucos abertos, as paredes levantadas e a cobertura feita; sem o apetrechamento, a orgânica e tudo o mais que ali fui encontrar; sem as facilidades que me foram propiciadas, como teria sido possível o que efectivamente se fez? Só admira que não tivesse feito mais e melhor."

Por fim, referindo-se à projecção nacional e internacional da multissecular Faculdade de Medicina e seus Hospitais, sentiu a home-

nagem imerecida, porque um homem só pouco vale. Só o espírito de equipa e a mútua colaboração edificam as grandes obras. Por isso, endosso as homenagens a todos quantos lutaram para concretizar a esperança.

Mais uma vez, nas suas palavras, sobressai a perfeita articulação entre o cientista e o pensador, o homem de cultura atraente e profundo, que transforma o auditório numa massa humana em comunhão de pensamento.

"A todos torno extensivas estas homenagens; e ao proceder assim, não terá quem me tribute, de me atribuir o feio acto de ingratidão, se por isso julgarem que renuncio aquilo que me oferecem, pois o seu valor não se inscreve na ordem da riqueza material, género de riqueza a qual dando-se, nos torna dela desprovidos e, por isso, se fica menos rico. Comparável, sim, à riqueza da inteligência, que embora se dê, se não perde; ou antes, à riqueza do coração, à riqueza da sensibilidade, a qual aumenta o homem, e cada vez mais, na medida em que mais a oferece."

"É neste sentido que recebo e endosso as homenagens que me prestam."

Como disseram, e dizem, muitos dos seus alunos e colaboradores mais directos, o Professor João Porto foi um homem que viveu intensamente o seu tempo, foi o grande Mestre que fez escola, criou uma legião de amigos e admiradores nos inúmeros médicos que ajudou a formar, graças às suas lições sabiamente preparadas, à facilidade de se exprimir e comunicar, à justeza caldeada com o amor, que punha em todos os seus actos.

Como cientista, o Professor João Porto teve a visão do futuro, especialmente pelo impulso notável dado à Cardiologia, pelo sentido comunitário que tinha da Medicina, em estreita colaboração e educação sanitária das populações, pelos inúmeros trabalhos científicos que publicou.

O HOMEM RELIGIOSO

O Professor João Porto era um homem convictamente religioso, um activo militante e dinamizador do Catholicismo. Nunca ocultou as suas convicções religiosas, antes as expunha desassombradamente com calor e entusiasmo, mesmo nos seus primeiros tempos de Coimbra, numa época em que a religião era mal tolerada e muitas vezes hostilizada. A bondade do Padre Saúl da Cruz, que deu novo rumo à sua vida, como referi no início deste trabalho, teria influenciado decisivamente o seu pensamento neste campo, que ultrapassa o cognicismo humano, que não é demonstrável à luz dos princípios científicos.

Ainda muito novo, integrou-se no C.A.D.C. (Centro Académico da Democracia Cristã), onde desenvolveu um trabalho activo de pensador e interventor.

As poucas críticas que se ouvem proferir contra o Professor João Porto referem-se, precisamente, à sua adesão e militância desta organização de cariz religioso e político, mais político que religioso. Dizem esses críticos que o C.A.D.C. foi o viveiro da maioria dos políticos que deram corpo ao regime monolítico, instalado em Portugal durante quase meio século. Por isso, o homem bom, afável, comunicativo e dedicado, estaria desintegrado num regime ditatorial. Assim, quando sentiu o desvio do ideário cristão, seria compreensível que se afastasse.

Também aqui é fundamental fazer o julgamento à luz das vivências da época. Um homem intrinsecamente religioso, e o homem deveria ser livre de sê-lo ou não ser, é natural que tenha sofrido com a hostilização religiosa da 1ª República, ao ponto de se juntar a outros numa organização, que parecia vocacionada para reactivar os princípios da Doutrina Cristã.

Se o Professor João Porto não combateu esse regime, também ninguém o conseguiu acusar de colaboracionista, no mau sentido do termo. Jamais foi acusado de ter perseguido alguém, quaisquer que fossem as suas ideias político-religiosas, nunca classificou os discípulos em função do seu credo ou das suas convicções. Os doentes que o procuravam, vindos dos mais variados pontos do país, a todos procurava mitigar o sofrimento, sem se preocupar com a sua origem social, o seu pensamento religioso, a sua orientação política.

Se muitas vezes bateu às portas do Poder, como ele próprio dizia, nunca foi para colher benefícios pessoais. Fê-lo, sim, para renovar e melhorar as condições de ensino, assistência médica, apetrechamento e internamento hospitalares. Fê-lo sempre a pensar na digni-

ficação, merecedor de uma assistência médico-social mais evoluída, capaz de debelar a doença e as insuficiências materiais dos mais carenciados.

Mesmo o seu itinerário à frente da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, a sua colaboração assídua na "Acção Médica", foram sempre norteados pelo progresso da Medicina, pela organização e participação em congressos com outras Associações estrangeiras similares, na perspectiva de colher e transmitir novos métodos e técnicas de prevenção, diagnóstico, terapêutica e reabilitação dos doentes, à luz da Doutrina Social da Igreja.

Entendia o homem como um ser integral, na sua complexidade material e espiritual. Se uma parte pode ser vivificada pelos avanços científicos, a outra alimenta a esperança, mitiga o sofrimento, humaniza a dor, quando a ciência já se mostra impotente para debelá-la.

Só assim se compreende que, ao sentir que a sua vida, tão intensamente vivida, estava a chegar ao fim, não se transformasse num homem revoltado, antes aceitando serenamente o término da caminhada.

Nesse seu último dia, 28 de Julho de 1967, lúcido e consciante, continuava ainda o Homem sereno e comprometido com os ideais do Bem e do Amor. Os derradeiros momentos foram para a Família. Chamou o seu filho mais velho, o actual Professor Doutor Armando Porto, então com 31 anos, e no início das suas recomendações, dizia-lhe: "Sinto que a minha missão na terra está cumprida..."

Como escreveu o Professor Ramos Lopes, ao referir-se ao Mestre e repetindo as suas palavras, "O homem não vai todo para a sepultura, considerando as coisas mesmo no plano estritamente temporal. Vive e viverá, querido e venerado, enquanto houver olhos que o viram, bocas que lhe falaram, ouvidos que o escutaram, inteligências que o compreenderam, corações que o amaram..."

AS HOMENAGENS

Além das muitas homenagens, louvores e condecorações de natureza institucional, certamente as que mais comoveram o Professor João Porto foram aquelas provindas espontaneamente do povo anónimo da sua Terra Natal, que não se cansava de lhe agradecer a forma ímpar como os recebia e tratava.

Não será exagero tornar a repetir que era um Homem bom, justo e incapaz de renegar os amigos, mesmo os da infância já muito longínqua. Nunca escondeu a sua origem humilde, porque a humildade foi a sua vivência de todos os dias. Frontal e obstinado sem arrogância, dedicado e solícito sem subserviência. Quando, nos momentos de aflicção, alguém procurava os seus préstimos, não regressava sem ser atendido. Ainda hoje, pessoas idosas da sua Terra Natal, recordam a sua bondade, o acolhimento afável quando a doença as torturava, a prontidão com que eram atendidas nos Hospitais da Universidade e, quantas vezes, algum dinheiro para a deslocação e medicamentos.

Por tudo o que foi dito, não admira a enorme manifestação popular registada em Nisa, em 20 de Abril de 1987, quando o Município, consciente do querer da população, prestou a merecida HOMENAGEM AO ILUSTRE NISENSE. Infelizmente a título póstumo, foi-lhe conferida a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, a mais alta condecoração instituída pelo Município. O seu nome ficou a indicar a rua onde funcionam as Escolas Preparatória e Secundária, o local mais digno para o prestigiado Professor, Médico e Cientista. À noite, na Sessão Solene, o espaço do Salão Nobre dos Paços do Concelho era demasiado exíguo para acolher a multidão desejosa de assistir à cerimónia. Nem o frio fez arredar aquela massa humana que enchia a Praça do Município e que silenciosamente ouviu, graças à amplificação sonora, as intervenções proferidas. Por indicação da Família, que em unísono recebeu o carinho da população, foi o Professor Doutor Antunes de Azevedo, falecido um ano depois, que falou da VIDA E OBRA DO ILUSTRE NISENSE.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Além de relatos orais de pessoas que conheceram o Professor Doutor João Maria Porto, foi consultada a seguinte bibliografia:

- Doutor João Porto - Homenagem à sua Memória promovida pela Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Lisboa - 1967;
- Professor Doutor João Maria Porto, 1891/1967, Separata do Boletim da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, pelo Professor Mário Trincão, 1967;
- Revista "Coimbra Médica", 1967
- 1942/1952, Dez Anos de História dos Hospitais da Universidade de Coimbra sob a Direcção do Professor Doutor João Porto, 1953, edição da Casa do Pessoal dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

NOTA: Segue-se uma lista dos TRABALHOS PUBLICADOS PELO PROFESSOR JOÃO PORTO, conforme a recolha efectuada pelo Professor Antunes de Azevedo e publicada na primeira obra citada da bibliografia consultada.

Trabalhos publicados pelo professor João Porto

- «Exploração das funções renais». Tese de licenciatura, 1920.
- «Um caso de piodrose fechada». *MEDICINA CONTEMPORANEA*, 1921.
- «Novos aspectos da azotémia». *O INSTITUTO*, vol. 69, n.º 4, 1922.
- «Fibração auricular». Dissertação de concurso para 1.º Assistente da Faculdade de Medicina, 1923.
- «Cirrose hepática asclogénica». *MEDICINA CONTEMPORANEA*, n.º 23, 1924.
- «Profilaxia actual da difteria». *BIBLOS*, vol. 3 e 4, 1928.
- «Aspectos clínicos da associação da tuberculose e da sífilis». Lisboa, 1928.
- «Questões de profilaxia e de higiene infantil». *BIBLOS*, 4, 1928.
- «Do valor diagnóstico da cuti-reacção à tuberculina, em clinica infantil». *O INSTITUTO*, 79-80, 1930.
- «Sobre supurações pulmonares». *COIMBRA MÉDICA*, I (5), 1931.
- «À margem do Congresso de Québec». *COIMBRA MÉDICA*, I (10), 1934.
- «Medicina e cultura». *COIMBRA MÉDICA*, I (10), 1934.
- «Alguns aspectos do ensino e cultivo da medicina no Canadá e nos Estados Unidos». *COIMBRA MÉDICA*, I (9), 1934.
- «Que confiança nos devem merecer os preparados galénicos da dadaleira». *COIMBRA MÉDICA*, 2 (6), 1935.
- «Sobre um caso de dissociação auricular ventricular seguido de bloqueio de ramo e de arborização». *COIMBRA MÉDICA*, 3 (3), 1936.
- «Breves considerações críticas sobre a esquamização das nefropatias». *COIMBRA MÉDICA*, 3 (8), 1936.
- «Sobre administração digitalica». *COIMBRA MÉDICA*, 3 (9), 1936.
- «Resultados da cuti-reacção à tuberculina nas diversas idades» (de colab. com Santos Bessa e A. Dionísio). *COIMBRA MÉDICA*, 3 (11), 1936.
- «Um caso de cancro primitivo do pulmão com propagação granúllica secundária» (de colab. com Antunes de Azevedo). *COIMBRA MÉDICA*, 4 (2), 1937.
- «Concepções médicas de Descartes». *ACÇÃO MÉDICA*, 5, 1937.
- «Crossa aórtica em situação direita» (de colab. com Guedes Pinto). *COIMBRA MÉDICA*, 4 (8), 1937.
- «Mocidade, futura elite da Nações». Castelo Branco, 1937.
- «Sobre um caso de aperto e insuficiência do orifício da artéria pulmonar». *COIMBRA MÉDICA*, 4 (10), 1937. (De colaboração com Antunes de Azevedo).
- «Fibração e flutter com descontínuo bloqueio de ramo». *COIMBRA MÉDICA*, 9 (1), 1938.
- «Federação da Imprensa Médica Latina». *COIMBRA MÉDICA*, 5 (7), 1938.
- «Troubles du rythme sinusal». *ARCH. DES MALAD. DU COEUR*, n.º 9 de 1938
- «A sílicose pulmonar nos mineiros da Urgeiriças» (de colab. com Antunes

- de Azevedo, Santos Andrade e Luis Providência). *COIMBRA MÉDICA*, 5 (2), 1938.
- «Ritmo nodal passivo, síndrome de Adams-Stokes, fibrillo-flutter e claudicação intermitente dum dos ramos do feixe de His». *COIMBRA MÉDICA*, 5 (3), 1938.
- «A Jubilação do Prof. Doutor João Serras e Silva». *COIMBRA MÉDICA*, (2), 1938.
- «Lésion de la branche du faisceau de His et image électrocardiographique du bloc de branche droite (conception classique)». *ARCH. DES MAL. DU COEUR*, Março de 1938.
- «Situs Inversus total com cardiopatia congénita e bradiarritmia sinusal». *COIMBRA MÉDICA*, 5 (4), 1938.
- «A margem dos cursos de aperfeiçoamento em medicina». *COIMBRA MÉDICA*, 5 (8), 1938.
- «Prof. Ricardo Jorge». *COIMBRA MÉDICA*, 6 (8), 1939.
- «Deux cas de oblitération ostiale des artères coronaires dans l'aortite syphilitique». *PRESSE MÉDICALE*, n.º 87, 24 de Fevereiro de 1939.
- «Duas Medicinas». *ACÇÃO MÉDICA*, 12, 1939.
- «A medicina no Brasil». *COIMBRA MÉDICA*, 7 (8), 1940.
- «Frequência das lesões das válvulas cardíacas» (de colab. com F. Ibérico Nogueira). *COIMBRA MÉDICA*, 7 (4), 1940.
- «Ptose palpebral isolada, bilateral, congénita e hereditiedade humana». *COIMBRA MÉDICA*, 7 (3), 1940.
- «Actualis concepções da hereditiedade humana». *ACÇÃO MÉDICA*, 17, 1940.
- «Assistência médico-social aos cardíacos em Portugal» (Linhas gerais de um programa). Coimbra, 1940.
- «Dos Livros». *COIMBRA MÉDICA*, 8 (8), 1941.
- «Doença ou síndrome de Besnier-Boeck-Schaumann». *COIMBRA MÉDICA*, 8 (1), 1941.
- «Alguns problemas da Universidade de hoje» (Oração de Sapiência proferida na abertura solene da Universidade), 1941.
- «O Instituto de Cardiologia de Coimbra». *COIMBRA MÉDICA*, 8 (8), 1941.
- «Emil von Behrings». *COIMBRA MÉDICA*, 8 (1), 1941.
- «Eugenismo e Hereditariedades». *SEMANAS MEDICAS SOCIAIS* (1.º Curso), Lisboa, 1941.
- «Fibração e flutter auricular com bradissistolia ventricular permanente». *COIMBRA MÉDICA*, (1) 1942.
- «Bradissistolia ventricular permanente por complexa dissociação auriculo-ventricular». *PORTUGAL MEDICO*, n.º 5, 1942.
- «Os doentes do coração perante o trabalho e a Previdência Social». *CLIN. HIG. E HIDROLOGIA*, n.º 6, 1942.
- «Sobre dissociação auriculo-ventricular». *COIMBRA MÉDICA*, 9 (6), 1942.
- «Prof. Doutor Angelo da Fonseca». *COIMBRA MÉDICA*, 9 (7), 1942.
- «Mecanismo das ligações auriculo-ventriculares». *COIMBRA MÉDICA*, 9 (8), 1942.
- «Laicismo e Catolicismo da Acção Social». *ACÇÃO MÉDICA*, 24, 1942.
- «Supressão imediata das crises da taquicardia paroxística por injecções endovenosas de sulfato de quinidina». *COIMBRA MÉDICA*, 10 (10) 1943.

- «Acção Católica e actividades temporais». ESTUDOS, 22, 1944.
- «O homem e a ordem social cristã». SEMANAS SOCIAIS PORTUGUESAS (2.º Curso), Coimbra, 1944.
- «Hospitais da Universidade de Coimbra. O Dispensário de Cardiologia». COIMBRA MÉDICA, 11 (4) 1944.
- «Hospitais da Universidade de Coimbra. O Dispensário de Cardiologia». COIMBRA MÉDICA, 11 (4) 1944.
- «A estelecetomia no tratamento preventivo das crises da taquicardia paroxística». CLIN. HIG. E HIDROLOGIA, 10 (3), 1944.
- «Prof. Miguel Couto». BRASÍLIA, I, 1942.
- «O Centro de Transfusão de Sangue dos Hospitais da Universidade de Coimbra». COIMBRA MÉDICA, 11 (9), 1944.
- «Prof. Doutor João Duarte de Oliveira». COIMBRA MÉDICA, 12 (2) 1945.
- «Sobre «cardíacos negros» de Ayerza». COIMBRA MÉDICA, 12 (3), 1945.
- «Desvios anormais do eixo eléctrico do coração e suas causas». COIMBRA MÉDICA, 12 (6), 1945.
- «Acção conjunta dos centros de cardiologia e da organização corporativa portuguesas». COIMBRA MÉDICA, 12 (7), 1945.
- «A descoberta do Roentgen e a sua projecção em patologia cardíaco-arterial». COIMBRA MÉDICA, 13 (1), 1946.
- «Civilização, cultura e sentido da vida humana». ACÇÃO MÉDICA, 10 (40), 1946.
- «Fundação Bycava pro-cardíacos». COIMBRA MÉDICA, 13 (9), 1946.
- «Os doentes do coração sob o aspecto médico-social (Esboço de um programa de assistência nacional aos cardíacos)». Coimbra, 1946.
- «Sobre um caso de doença de Kussmaul-Mayer (Periartrite nodosa)», de col. com o Prof. Mosinger, Drs. Antunes de Azevedo, Luis Providência e Ramos Lopes. COIMBRA MÉDICA, 14 (1), 1947.
- «Medicina preventiva das doenças do coração». ACÇÃO MÉDICA, 11 (44), 1947.
- «Instituto Nacional de Cardiologia do Médico». COIMBRA MÉDICA, 14 (2), 1947.
- «Processos obliterativos da artéria pulmonar e sua repercussões cardíacas». COIMBRA MÉDICA, 14 (6), 1947.
- «Silicose pulmonar e sua repercussão funcional cardiocirculatória». JORNAL DO MÉDICO, 9, 220, 1947.
- «Movimento cardiológico internacional». COIMBRA MÉDICA, 14 (9), 1947.
- «Embolia pulmonar experimental e sua repercussão electrocardiográfica». de colab. com M. Mosinger, Antunes de Azevedo, Luis Providência e Ramos Lopes). COIMBRA MÉDICA, 14 (10), 1947.
- «Associação de anemia aplásica e leucemia sub-leucémica linfóide». REVISTA CLÍNICA ESPANHOLA, Tomo XX, n.º 1, Janeiro de 1946.
- «Mistura de complexos electrocardiográficos normais e anormais num caso de W. P. W.» (de colab. com M. Ramos Lopes). Coimbra, 1948.
- «A Escola de Enfermagem do Doutor Angelo da Fonseca. As cerimónias de encerramento do ano escolar de 1947-1948». Coimbra, 1948.
- «Mistura de complexos normais e anormais num caso de síndrome de W. P. W.» COIMBRA MÉDICA, 15 (4), 1948.

- «Análise patogénica da cardiopatia negra (Doença de Ayerza)». COIMBRA MÉDICA, 15 (5), 1948.
- «O Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra. Seu funcionamento. Suas actividades no campo médico durante o ano de 1947». Coimbra, 1948.
- «Enfarte do miocárdio ventricular», in AQUISIÇÕES RECENTES DE ANGIO-CARDIOLOGIA, 1949.
- «Diagnóstico electrocardiográfico do enfarte do miocárdio. (Desvio torácico e componente anormal no gradiente ventricular)», de col. com M. Ramos Lopes. MEDICINA CLÍNICA (de Barcelona), tomo XI, n.º 3, 1948.
- «Ciência e cultura». «Curso de Preparação para a Vida». Coimbra, 1949.
- «Eugénique pré-matrimoniais». ACÇÃO MÉDICA, 13, 1949.
- «O homem doente e os seus direitos à assistência e ao trabalho». ACÇÃO MÉDICA, 13 (52), 1949.
- «A silicose profissional em face da legislação portuguesa do trabalho». JORNAL MÉDICO, 15 (384), 1950.
- «Les pneumopathies chroniques dans leurs rapports avec la cyanose et les cardiopathies». LA SEMAINE DES HOPITAUX DE PARIS, Dezembro de 1948.
- «Ciência e Cultura». JORNAL DO MÉDICO, 15 (367), 1950.
- «Ciência de hoje e o respeito na obra de S. João de Deus». ACÇÃO MÉDICA, 15 (68-69), 1950-1951.
- «Ciência de hoje e o respeito pela pessoa humana». ACÇÃO MÉDICA, 15 (60), 1951.
- «Recíproca influência da silicose e da tuberculose pulmonar». JORNAL DO MÉDICO, 17, 1951.
- «Fisiopatologia do edema agudo do pulmão». JORNAL DO MÉDICO, 18 (441), 1951.
- «Edema agudo do pulmão y circulación de reflujo». Conferência pronunciada na Real Academia Nacional de Medicina.
- «Eugenismo. Suas práticas e seus limites». REVISTA DE MEDICINA, n.º 14 (69-70), 1952.
- «Eugénique pré-matrimoniais». ACÇÃO MÉDICA, 14 (54), 1952.
- «Altérations tensionnelles dans la circulation pulmonaire par action toxique (nitrate d'argent)». CARDIOLOGIA (Arch. Int. du Coeur et des Vaisseaux), Basileia e New York — vol. XXI, Fasc. 4/5, 1952.
- «Remarques sur la Physiopathologie de l'Edème Pulmonaire Aigü», (de col. com o Prof. Lian), LA PRESSE MEDICALE, n.º 65, 1952.
- «Pulmão cardíaco». III Relatório do IV CONGRESSO NACIONAL DE CARDIOLOGIA e 1.ª reunião LUSO-ESPANHOLA, Sevilha, 1953.
- «Conceitos de educação». SEMANAS SOCIAIS PORTUGUESAS (4.º Curso), Lisboa, 1952.
- «S. João de Deus e a Ordem Hospitaleira na história da medicina». ESTUDOS, 31 (317), 1953.
- «Hemiosiderose pulmonar» de col. com Antunes de Azevedo. O MÉDICO, n.º 82, 1953.
- «Pulmão cardíaco. Definição — limites». JORNAL DO MÉDICO, n.º 21, 1953.
- «Mensagem de Fátima e a paz no trabalho». Alguns aspectos sobre os direitos e dos deveres dos trabalhadores. Coimbra, 1954.

- «Necessidade de promulgação de um programa geral e nacional de readaptação. Lugar que aí devem ocupar os doentes do coração». JORNAL DO MÉDICO, 24 (590), 1954.
- «A enfermeira militante da saúde e colaboradora do médico». BOLETIM DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, n.os 115/116, 1954.
- «Um caso de aneurisma artério-venoso infradiaphragmático diagnosticado por angiografia selectiva». A MEDICINA CONTEMPORÁNEA, n.º 1, de 1955.
- «Medidas de protecção aos cardíacos. (Linhas gerais de um programa)». Relatório apresentado ao II CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL DE CARDIOLOGIA, Coimbra, 1956.
- «Homenagem da Sociedade de Cardiologia ao Prof. Aureliano Pesseguero». O MÉDICO, 230, 1956.
- «O sentido da obra social de S. Martinho da Gândara». Discurso, 1957.
- «O Hospital — conceito actual da sua função assistencial». ACÇÃO MÉDICA, 23 (89), 1958.
- «Importance sociale des maladies du coeur». TRIANGLE, 3 (8), 1958.
- «Les veines pulmonaires aberrantes sur deux cas de cardio-angiopathie complexe». ARCH. DES MALADIES DU COEUR, n.º 4, 1959.
- «Estudo hemodinámico da pequena circulação (seu valor diagnóstico e fisiopatológico)». III CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL DE CARDIOLOGIA, Santander, 1959.
- «Estado actual dos conhecimentos médicos sobre a profilaxia das doenças cardiovasculares». JORNAL DO MÉDICO, 41 (888), 1960.
- «La Maladie de Ebstein (à propos d'un cas anatomo-pathologique peu commun)». ARCH. DES MALADIES DU COEUR, n.º 6, 1960.
- «Os progressos da cardiologia analisada à luz do cateterismo cardíaco». COIMBRA MÉDICA, 8 (7), 1961.
- «Technique et specialisation médicale (avantages et inconvénients)». IX Congresso Internacional dos Médicos Católicos, Munique. Separata da revista «ARZT UND CHRIST», 1961.
- Hipertensão arterial pulmonar. Sua fisiopatologia. IV CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL DE CARDIOLOGIA, Porto, 1963.
- «Afecções buco-dentárias e sua repercussão cardiovascular». COIMBRA MÉDICA, II (2), 1964.
- «Cardiologia Social nos planos Nacional e Internacional». MEDICINA CONTEMPORÁNEA, 79 (3), 1961.
- «Alguns aspectos médicos e sociais da sífilose». JORNAL DO MÉDICO, 53, 1946.